

EXPERIÊNCIAS, ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

Elizete Oliveira de Andrade¹
Marília Godinho Martins Amorim²

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa sobre o processo de alfabetização de crianças dos três primeiros anos do Ensino Fundamental (Ciclo Inicial de Alfabetização). O objetivo principal da pesquisa foi compreender e analisar como é realizado esse processo, levando em consideração as narrativas de professoras alfabetizadoras sobre suas experiências e vivências no cotidiano escolar. Como procedimento metodológico, utilizamos a abordagem qualitativa, com a técnica da observação participante e da entrevista semiestruturada. Para a pesquisa, foi selecionada uma escola estadual situada no município de Carangola/MG, com a participação de três professoras alfabetizadoras. Como resultado, apontamos que as experiências docentes definem a forma como as professoras desenvolvem o processo de ensino-aprendizagem, e que suas ações são primordiais para o sucesso na alfabetização, deixando marcas significativas na sua vida dos estudantes.

Palavras-chave: Alfabetização; pesquisa; professoras alfabetizadoras.

EXPERIENCES, STRATEGIES AND PRACTICES OF LITERACY TEACHERS

ABSTRACT

This research focuses on the literacy process of children in the first three years of elementary school (Initial Literacy Cycle). The main objective of the research was to understand and analyze how this procedure is carried out, taking into consideration the narratives of literacy teachers' experiences in their school routine. As a methodological proceeding, we used the qualitative approach, with participant observation and semi-structured interview methods. With the participation of three literacy teachers, a state school located in the city of Carangola /MG was selected. As a result, we point out that the teaching experiences define the way teachers develop the teaching-learning process and that their actions are primordial for the literacy to succeed, leaving remarkable impacts on students' lives.

Keywords: Literacy; research; literacy teachers.

Submetido em: 11/3/2020

Aceito em: 11/6/2020

¹ Autor correspondente: Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG/ Unidade Acadêmica de Carangola. Praça dos Estudantes, 23 – Carangola/MG, Brasil – CEP 36800-000. <http://lattes.cnpq.br/1296799093578023>. <https://orcid.org/0000-0003-2442-9664>. elizeteprofessora@gmail.com

² Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG/Unidade Acadêmica de Carangola/MG, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/2278824827161224>

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de uma pesquisa³ realizada com professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com o objetivo de se conhecer o processo de alfabetização realizado por estas docentes, visto que, na atual conjuntura, muito se discute acerca da melhor forma de alfabetizar as crianças no ambiente escolar. Neste sentido, as professoras alfabetizadoras têm a responsabilidade de alfabetizar e letrar as crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Como sabemos, um dos momentos mais importantes na vida de uma criança é quando ela – como sujeito de sua aprendizagem – se descobre como um conhecedor do mundo e dos fatos que se encontram à sua volta.

Compreendemos que é por meio da alfabetização que a criança aprende a ler, a escrever e a ter uma melhor compreensão das palavras, de seus sentidos e de seus significados. Entendemos, também, que é a partir do processo de alfabetização que as professoras se constituem alfabetizadoras, contribuindo para a formação moral e social dessas crianças, deixando nelas marcas significativas.

Com a pretensão, portanto, de compreender de que forma ocorre o processo de alfabetização, questionou-se: Como as práticas pedagógicas acontecem no cotidiano da sala de aula? Como as professoras desenvolvem a prática voltada para a alfabetização, e quais as estratégias desenvolvidas? Quais os métodos de alfabetização são aplicados? Como utilizam suas experiências para ressignificar a prática?

Neste sentido, e como forma de chegar às respostas para as perguntas supracitadas, o objetivo principal desse trabalho foi compreender e analisar como é realizado o processo de alfabetização no ciclo inicial de alfabetização, levando em consideração as narrativas das professoras sobre suas experiências e vivências no cotidiano escolar.

Para realizar a pesquisa, selecionamos uma escola pública estadual, localizada no município de Carangola/MG, por este educandário apresentar bons resultados nas avaliações externas no que se refere à alfabetização. Neste artigo, selecionamos as narrativas de três professoras dos três primeiros anos do Ensino Fundamental que compõem o Ciclo Inicial de Alfabetização. A produção de dados foi realizada por meio de estudo bibliográfico e de pesquisa de campo na escola, mediante a observação participante, e de entrevista semiestruturada com estas professoras.

UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE A ALFABETIZAÇÃO

Compreender que a história da alfabetização é muito remota e envolve várias situações é essencial, pois “[...] as práticas de alfabetização não começaram nos séculos XX e XXI, estão em constante transformação desde que se necessitou ensinar alguém a ler e escrever” (GRAFF, 1990 *apud* FRADE, 2005, p. 9). Dessa forma, reconhecer o papel das professoras nesse processo é muito significativo.

³ Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Narrativas de professoras do Ciclo Inicial de Alfabetização: experiências das práticas docentes”, de 2019, do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Carangola.

No início, alfabetizar era um privilégio, visto que somente pertencentes à igreja tinham acesso a esse processo, como afirma Franco (2015, p. 543): “[...] na tradição católica, apenas os religiosos deveriam saber ler. Para os protestantes, no entanto, nenhum intérprete poderia se opor entre o crente e as escrituras”. Assim, vê-se que os povos antigos possuíam alfabeto, mas que não havia uma preocupação com a alfabetização das pessoas.

Na época do Brasil colônia, a alfabetização era função dos Jesuítas, “[...] cujo objetivo era ensinar os índios e os filhos dos colonos a ler, a escrever, a contar números e a falar a língua portuguesa” (FRANCO, 2015, p. 544). Logo, cabia a eles a ação de ensinar.

Quando da expulsão dos Jesuítas do Brasil, em 1759, como afirma Franco,

[...] o ensino ficou à deriva durante dez anos, causando retrocesso no sistema educacional brasileiro. Somente em 1772, o ensino passou a ser oficial, baseando-se nas chamadas ‘aulas régias’ de disciplinas separadas. Entretanto, nesta época, somente a aristocracia e as pessoas com um poder aquisitivo melhor podiam ter acesso ao ensino, pois, diferentemente da maioria da população, tinham condições de custear os gastos (2015, p. 544).

Desse modo, fica claro que uma grande parte da população não tinha direito à educação e, sendo assim, muitos eram analfabetos. Essa questão foi passando por grandes transformações ao longo dos séculos e dos anos e, dessa forma, como afirmado por Bordignon e Paim (2017, p. 54), é possível observar que

[...] a partir do final do século XIX, a educação e, por conseguinte, a alfabetização sofreram mudanças significativas, sobretudo no que se refere à concepção pedagógica que fundamenta as práticas docentes, o que implicou métodos desenvolvidos no processo de ensinar a ler e escrever.

No Brasil, no final do século 19 e início do século 20, ocorreu uma grande disputa entre as pessoas que defendiam o método de alfabetização analítico e as que defendiam os métodos sintéticos – tais métodos ainda são discutidos na atualidade. Nessa direção, começaram a surgir os vários processos de alfabetização no Brasil, como assevera Franco:

Quando se iniciou o processo de alfabetização, o método escolhido foi o silábico, surgindo assim, as expressões silábicas ‘BA’, ‘BE’, ‘BI’, ‘BO’ e ‘BU’. Mais tarde, estas expressões serviram para o princípio das cartilhas de alfabetização. A partir do início dos anos 1960, surgiram os movimentos que tinham como objetivo alfabetizar as classes populares (2015, p. 544).

Paulo Freire foi um dos grandes responsáveis por essa alfabetização popular, que tinha como foco e objetivo alfabetizar jovens e adultos.

Já no início dos “[...] anos 1970, surge o Movimento Brasileiro de Alfabetização, conhecido como Mobral⁴, cuja proposta era erradicar o analfabetismo” (FRANCO, 2015,

⁴ Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral).

p. 545). A intenção desse movimento era diminuir o número de analfabetos no país. De acordo com Bordignon e Paim (2017, p. 58),

[...] por volta de 1980, a partir dos estudos da psicologia e da linguística, passou a ser questionada a maneira como a alfabetização estava sendo desenvolvida, momento em que chegaram ao Brasil as discussões sobre letramento, bem como a necessidade de alfabetizar e letrar os sujeitos inseridos em contextos cada vez mais letrados.

Sendo assim, o ambiente em que esse sujeito está inserido passa a ser também o meio social e familiar, pois se considera que a criança aprende fora da escola, nas relações com o meio ao qual pertence. Como assegurado por Franco (2015, p. 545), “[...] nos anos 1980, ocorreu a disseminação do construtivismo atrelado às ideias de Jean Piaget e as pesquisas de Emília Ferreiro, com a ênfase na psicogênese da língua escrita”. Assim, surgiu uma nova ideia de ensino na alfabetização.

Nos anos de 1990, segundo Franco, “[...] a alfabetização ultrapassou o significado de ir além da codificação e decodificação” (2015, p. 545) com o letramento; portanto, a alfabetização recebe um sentido mais vasto. “[...] o tratamento do ensino da leitura e da escrita como práticas de letramento” (ALBUQUERQUE; MORAIS; FERREIRA, 2008, p. 254), ou seja, com a ideia de letrar no processo de alfabetização, levando em consideração os vários gêneros textuais e o conhecimento prévio que se obtêm do mundo letrado. Assim, percebe-se que vários foram os fatores históricos, políticos e sociais que influenciaram e vêm influenciando a alfabetização no Brasil.

O processo de alfabetizar e letrar vai muito além de codificar e decodificar os símbolos da escrita. O seu aprendizado liga-se muito ao método e à prática de alfabetização que serão aplicados pelo professor, visto que já se sabe que as estratégias e as táticas usadas por este profissional, que é o mediador do processo ensino-aprendizagem, influenciarão muito no aprendizado dos alunos.

Nesse viés, o significado de alfabetização, segundo o dicionário de Silveira Bueno (2007, p. 46) é a “[...] ação de alfabetizar; o ensino da leitura e da escrita”. Para Soares (2002, p. 18), alfabetização é “[...] adquirir a ‘tecnologia’ do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita”, e letramento é “[...] o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que admite um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.

O professor, dessa forma, terá à sua disposição vários métodos de alfabetização, e caberá a ele usar um ou mais para alfabetizar. Logo, vê-se que a escolha do método de alfabetização é do professor, e esta ocorrerá de acordo com a sua didática em sala de aula.

Segundo Frade (2005, p. 7), “[...] na história das políticas de alfabetização, a discussão de métodos foi e tem sido um dos aspectos mais polêmicos”. Essa questão é um território que se encontra em constante disputa entre os professores que fazem a prática desses métodos no cotidiano das escolas, juntamente com o currículo que estabelece, normatiza e controla a forma com a qual isso deve ocorrer. Entende-se que o professor tem à sua disposição vários métodos para a prática de alfabetização, e as pesquisas demonstram que, às vezes, um só método não é capaz de atender plenamente

as necessidades de um determinado grupo de alunos que estão adquirindo a leitura e a escrita. Caberá ao docente, então, escolher aquele que melhor será usado para o aprendizado do aluno; logo, o alfabetizador deverá decidir se usará um ou mais métodos para esse processo. Sendo assim, quanto mais métodos de alfabetização o professor tiver à sua disposição, maior será a diversidade de ensino.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida com abordagem no método qualitativo, por buscar profundidade e focar-se no sujeito. Realizou-se, também, pesquisa de campo, mediante a observação participante, e, ainda, foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Desse modo, por se tratar de uma forma mais descontraída de o entrevistado responder às perguntas elaboradas, houve uma maior flexibilidade nas perguntas para se chegar à resposta desejada.

Para a pesquisa de campo, foram selecionadas três professoras⁵ de uma escola pública estadual da cidade de Carangola, que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Elas foram escolhidas, principalmente, por serem reconhecidas pela comunidade escolar e pela rede de ensino em que atuam como boas professoras alfabetizadoras. Houve, também, a observação participante do ambiente escolar em que elas trabalham – na sala de aula propriamente dita, que ocorreu no primeiro semestre do ano de 2019.

Com essas ações, foi possível observar práticas pedagógicas usadas em sala de aula, bem como analisar suas metodologias e estratégias de ensino, como também a interação aluno/professor, professor/aluno.

Quem são essas professoras?

Essas professoras alfabetizadoras trazem, com as suas vivências, amplo conhecimento de práticas pedagógicas, pois é através destas experiências vivenciadas no cotidiano escolar que elas constroem e dão significado às suas práticas pedagógicas.

No cotidiano da sala de aula, as professoras alfabetizadoras, com suas “estratégias e táticas” (CERTEAU, 1994) e seus “saberes-fazer” (ALVES, 2001), trabalham a aprendizagem, desenvolvendo nos alunos o conhecimento da escrita e da fala formal.

É importante ponderar que os métodos utilizados para a alfabetização de alguns alunos não poderão ser os mesmos para outros. Assim, dando significado às suas ações de professoras alfabetizadoras, exercem um papel muito importante na aprendizagem dessas crianças.

Com a pesquisa foi possível conhecer a formação, os conhecimentos acadêmicos das professoras no que diz respeito à alfabetização e à formação continuada das docentes, bem como entender como são desenvolvidas suas práticas pedagógicas. O estudo foi de grande importância para a compreensão de como ocorre o processo de alfabetização naquele ambiente escolar.

⁵ Devido à maioria dos participantes da pesquisa ser do sexo feminino, utilizamos o termo “professora” ao falar deles.

A fim de preservar a identidade das professoras, foram utilizados os seguintes pseudônimos: Betânia, Fátima e Gilda. A professora Betânia leciona para uma turma do 1º ano do turno vespertino, e atua há mais de 15 anos como professora alfabetizadora. É formada em Pedagogia e tem Pós-Graduação em Autismo e em Supervisão, Inspeção e Gestão de Processos Educacionais. Além disso, é tida, entre os colegas da instituição, como referência de “professora alfabetizadora”. Todos os entrevistados citaram, em algum momento, a prática pedagógica da referida professora, e relataram, também, que, se encontram alguma dificuldade, recorrem à ela para ajudar e sanar as dúvidas.

A Professora Fátima leciona para uma turma do 2º ano do turno vespertino, e é formada em Pedagogia há 23 anos. Ainda, possui Pós-Graduação em Artes, e há 10 anos trabalha como professora alfabetizadora.

A professora Gilda leciona para uma turma do 3º ano do turno vespertino. Essa docente tem formação em Pedagogia e Pós-Graduação em Supervisão. Trabalha há 25 anos na área da educação, e afirma que em muitos deles trabalhou como professora alfabetizadora.

Quanto ao processo de formação continuada, foi possível observar que essas professoras estão constantemente participando de cursos voltados à alfabetização, como, por exemplo, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC. Percebemos, durante as entrevistas, que elas consideram importante a formação continuada, pois deixaram claro que é mediante esse processo que atualizam as suas práticas pedagógicas no cotidiano escolar.

O ambiente alfabetizador e a prática das professoras

Sabemos que é na fase da Educação Infantil e nos Anos iniciais do Ensino Fundamental que a criança adquire uma base muito importante de conhecimento escolar, que será fundamental para o seu sucesso escolar, isso porque é nesse período que ocorrem os desenvolvimentos cognitivo, psíquico e motor. Então, por meio da pesquisa com professoras que participam desse processo, procuramos entender, a partir de suas narrativas, qual a importância que estas profissionais dão ao Ciclo Inicial da alfabetização em relação à disciplina, ao dever de casa, ao conhecimento prévio que a criança já traz de casa e do mundo letrado em que ela vive. Isso ocorre pelo fato de que a criança é um ser social e, portanto, ela não vai para a escola sem saber nada, mas, pelo contrário, ela leva conhecimentos/saberes da sua família, do meio em que ela está introduzida. Sendo assim, esses conhecimentos/saberes também contribuirão para a sua alfabetização e o seu letramento.

Nessa perspectiva, sabe-se que as práticas pedagógicas do cotidiano escolar são muito importantes para a alfabetização, além da sala de aula se constituir em um ambiente alfabetizador. Logo, é importante trabalhar a sociabilização, a coordenação motora e psíquica, a criatividade, o uso da linguagem formal, a escrita, a alfabetização científica e geográfica, a noção do tempo e de espaço, a construção do número, a construção do sujeito, a sua história e, principalmente, a alfabetização e o letramento. Isso pode ser ratificado por Ferreiro e Teberosky (1991, p. 24), ao afirmarem que “[...] atualmente, sabemos que a criança que chega à escola tem um notável conhecimento de sua língua materna, um saber linguístico que utiliza ‘sem saber’ (inconscientemente)

nos seus atos de comunicação cotidianos”. Logo, confirma-se que ela aprende nas relações em que vive, ou seja, no seu cotidiano.

É importante considerar, portanto, que as professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental têm um papel fundamental no ensino da linguagem e da escrita, pois é nesse período que a criança se apropria da linguagem e da escrita em sua forma culta, com o ensino e com atividades que serão trabalhadas em sala de aula.

Vê-se necessário destacar, também, que um ambiente que se constitua como alfabetizador deve conter em seu meio uma cultura letrada, levando o aluno a analisar e pensar no uso da forma culta e social da linguagem e escrita. Assim, os usos de gêneros textuais, do cantinho da leitura, dos jogos e das atividades que facilitam o aprendizado são muito importantes.

É crucial que as professoras consigam trabalhar com atividades que promovam a todo o tempo a participação dos alunos, pois, desse modo, com a promoção de leituras em voz alta e silenciosa, elas poderão levar seus alunos a pensar, analisar e debater sobre as questões propostas nas atividades.

Dessa forma, um ambiente que se constitui como alfabetizador “[...] é aquele em que há uma cultura letrada, com livros, textos digitais ou em papel, um mundo de escritos que circulam socialmente” (TEBEROSKY, 2005, p. 1). Espera-se, portanto, que a escola seja um ambiente alfabetizador, e a sala de aula, um local com muitos elementos para auxiliar na aquisição da escrita e da leitura. Logo, a sala de aula deve apresentar todas as características de um ambiente alfabetizador e estar de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Com esta pesquisa, observou-se que as salas de aula dos 1º, 2º e 3º anos possuem silabário; alfabeto colado nas paredes, com letras maiúsculas e minúsculas, de forma e cursiva; calendário com os meses do ano e os dias da semana; as estações do ano; um banner com os números por extenso de 0 a 100; e um cantinho da leitura.

É nesses espaços escolares que essas crianças passam boa parte do seu tempo. É neles que elas adquirem um maior conhecimento sobre a escrita, a leitura e a forma culta da fala e da linguagem. Nesse sentido, a sala de aula é um dos recintos do cotidiano escolar onde mais se promove a alfabetização. Na pesquisa, percebeu-se uma relação muito boa entre as professoras e as turmas observadas. Além disso, a relação professor-aluno, aluno-aluno, aluno-escola acontece com uma boa interação e colaboração mútua de ambas as partes.

Assim, “[...] as crianças reagem de formas diferentes, por isso o ambiente escolar precisa ser organizado e assimilar hábitos de trabalho que contribuam para a independência de cada uma delas” (EDITORA DO BRASIL, 2020, p. 2). Nesse sentido, percebeu-se, também, que as professoras trabalham as suas didáticas de maneira a garantir esse aprendizado que é a alfabetização e letramento nos Anos Iniciais da educação.

Ao serem questionadas sobre o modo como desenvolvem a alfabetização e o letramento, a professora Betânia respondeu que trabalha com a leitura de modo significativo, para que “[...] cotidianamente de forma contextualizada para que a criança entenda o significado do ato de ler e escrever baseando-se em um contexto proposto”.

A professora Fátima afirmou que trabalha “[...] a partir da vivência dos alunos, oferecendo outras experiências de leitura, estimulando e valorizando cada evolução dos educandos”.

É possível perceber, então, que cada professora atribui um significado e importância à leitura e em como trabalhá-la na sala de aula, mas que ambas concordam que esse processo tem um amplo significado para o aprendizado dos alunos.

Assim, fica evidente que a leitura e a escrita das palavras representam um processo que requer um empenho muito grande, tanto do aluno quanto do professor, para que o aprendizado e a alfabetização ocorram.

Observou-se, igualmente, que a prática da leitura e da escrita é desenvolvida por cada professora de uma forma específica. Nessa perspectiva, a professora Gilda disse ser necessário o “[...] acompanhamento, pois os alunos precisam de atenção extra”. Na opinião da professora Betânia, “[...] favorece muito que os conceitos propostos na Educação Infantil sejam trabalhados adequadamente como um caminho para que a alfabetização aconteça plenamente”.

As professoras alfabetizadoras têm suas estratégias e práticas feitas no dia a dia da sala de aula. Entende-se, portanto, que somente com as suas experiências vividas no cotidiano escolar é que essas professoras darão significado ao que é ensinado e, dessa forma, podem tratar o que é considerado sucesso e fracasso em sala de aula.

O desenvolvimento da prática da leitura institui nas crianças o gosto pela leitura e, por conseguinte, cabe ao professor o papel de promover esse interesse. A família também pode contribuir com essa prática, lendo com e para seus filhos.

Mediante a pesquisa, percebeu-se que é comum as professoras irem além da prática pedagógica convencional, como no exemplo das professoras Betânia e Fátima. Nesse sentido, observou-se que a professora Betânia possui uma estratégia de ensino um pouco diferenciada: quando ela está ensinando uma família silábica, prega em si uma folha de papel A4 com a letra ensinada, e fica a aula inteira com esta folha pregada. Ela relatou que “[...] os alunos têm a visão da letra a todo o momento, porque como eu sou o foco de visão deles, eles sempre terão em foco a letra que está sendo trabalhada”. Outra prática que foi observada com essa professora é a “tomada” de leitura das famílias silábicas todos os dias. Ela passa atividades no quadro ou em livro para os alunos e, ao mesmo tempo, vai chamando ao longo da aula, antes do recreio, alunos em uma carteira, em um cantinho da sala, para tomar essa leitura. A docente relatou que, com essa prática, tem-se uma ideia melhor de quem está aprendendo e o que ela deve reforçar na aprendizagem desses alunos, bem como identificar aqueles que têm dificuldade. Dessa forma, ela vai direcionando o conteúdo da aprendizagem, e faz isso de forma sistematizada até o término do primeiro semestre letivo, quando diz que as crianças já estarão, praticamente, “lendo e escrevendo”. A professora afirmou, ainda, que desenvolve os conteúdos das demais áreas de conhecimento, como Ciência, História, Geografia e Matemática, mas que até este período do ano ela procura priorizar mais a aprendizagem da alfabetização das famílias silábicas e a leitura delas.

Já a professora Fátima tem um Projeto de Trabalho além do usado pela escola, cujo nome é “Cenas de Artes em Cena”. Nele, a docente trabalha a leitura por meio

de músicas, com danças e experiências vivenciadas pelos alunos. Para essa atividade, a sala é organizada com uma arara de roupas que são usadas pelos estudantes nas apresentações, além de contar com um banco grande e um tapete dedicado ao “cantinho da leitura”. Nesse cantinho, há muitos livros, que ficam à disposição dos alunos. Ao término das atividades dadas em sala de aula, os alunos podem ir para esse cantinho, pegar um livro e ler enquanto esperam a atividade ser concluída pelos colegas que ainda a estão fazendo. De todas as salas observadas, ela é a mais calma.

As observações permitiram a compreensão de que todas as professoras fazem uso da leitura oral com os alunos. Essa prática é adotada por todos na resolução das atividades ou em leituras de texto. Há, ainda, a criação dos textos em conjunto com a turma, sendo que a professora é a escriba nos 1º e 2º anos. A professora Betânia faz uso da “mala literária”, ou seja, todo final de semana uma criança leva essa mala para casa, lê o livro com/para a família e na segunda-feira conta como foi a experiência, além de ler/contar a história para toda a turma. Todas as professoras fazem ditado de palavras e leem as letras do alfabeto e do silabário que estão presentes na sala de aula. Todos os estudantes da escola têm aulas também na sala da biblioteca, onde ouvem histórias e leem os livros de seu interesse. Percebemos que, em todas as atividades desenvolvidas, há um incentivo muito grande por parte da escola e dos professores para a prática da leitura.

Vale destacar, ainda, que a didática utilizada pelo professor influencia diretamente o aprendizado dos estudantes, e, nesse sentido, observamos que as professoras se empenham para desenvolver nos estudantes o hábito da leitura, ora lendo para eles, ora incentivando-os a que leiam sozinhos.

As práticas e os métodos da alfabetização

Cada professora que participou da presente pesquisa possui um modo de alfabetizar, no qual priorizam certas estratégias e métodos de alfabetização quando estão em sala de aula. Assim, recorreremos às narrativas para compreender esses modos. A professora Betânia afirmou que

[...] é importante conhecer todos os métodos; eu, particularmente, gosto do silábico, mas utilizo de qualquer um deles de acordo com a necessidade do aluno. É preciso conhecer todos os métodos; se algum não funcionar imediatamente, aplica-se outro até descobrir o que tem maior adequação.

Nessa narrativa, fica evidenciado que a professora Betânia prioriza a aprendizagem dos alunos, e que o método escolhido é aquele que melhor se adequar à turma, porque “[...] apesar da variedade de métodos ensaiados para se ensinar a ler, existe um grande número de crianças que não aprende” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1991, p. 15). Então, será necessária a intervenção de várias formas para ajudar esses alunos no que diz respeito à sua alfabetização. A professora afirma que, apesar de usar vários métodos, ela tem preferência pelo método silábico, ou seja, aquele “[...] que toma como unidade um segmento fonológico mais facilmente pronunciável, que é a sílaba” (FRADE, 2005, p. 22). Essa escolha sobre qual o método a ser utilizado deverá partir do professor, de acordo com as suas experiências e vivências. Ainda com relação ao método de ensino,

é importante destacar que sua escolha precisa estar de acordo com o perfil da turma atendida, pois, como afirmam Ferreiro e Teberosky (1991, p. 26-27), a forma pela qual o professor organizará o processo de alfabetização das crianças pode “estimular ou bloquear os processos de aprendizagem dos sujeitos”. Nessa perspectiva, a professora Fátima ressalta a necessidade de flexibilidade nessa escolha:

[...] olha só. A gente tem o silábico, o global, tem muita coisa do construtivismo. Eu utilizo de tudo um pouco. Não tem como nem definir. Falar que é esse. Por exemplo: Eu não tinha muita noção do fônico e esse ano eu estou utilizando muito ele. Quando o método utilizado não funciona, a gente subdivide a sala em grupos, fica todo mundo junto, um ajudando o outro. E a gente vai tentando acertar, ter sucesso.

Como pode ser observado, a professora Fátima utiliza vários métodos para ensinar as crianças, pois entende que isso dependerá da turma, do seu diagnóstico e, assim, optará por um ou mais métodos. De acordo com Piccoli e Camini (2012, p. 45), “[...] Investigar como cada um pode aprender melhor implica perceber os diferentes estilos de aprendizagem, as diferentes capacidades de concentração e os diferentes interesses para saber como lidar com a diversidade”. Nesse ponto de vista, a professora Gilda afirma que utiliza

[...] o silábico e o fônico. Uso-os porque vejo resultados, a maioria dos alunos consegue evoluir. Quando esses métodos não funcionam para algum aluno, procuro dar algumas atividades diferenciadas, levo ao conhecimento da supervisora, chamo os responsáveis para que eles ajudem em casa.

Percebe-se que a professora Gilda usa os métodos silábico e o fônico, por acreditar que eles atendem melhor às demandas de seus alunos; contudo, da mesma forma que as outras professoras, quando esses dois métodos não são suficientes para a alfabetização de alguns alunos, ela utiliza e acrescenta outras estratégias de ensino.

Durante as observações e nas entrevistas, foi possível perceber que as professoras desenvolvem, em suas práticas, formas diferenciadas de ensinar os seus alunos. Quando um método não funciona com um determinado aluno ou grupo de alunos, as docentes se apropriam de outros métodos ou de outras estratégias de ensino até a melhor adequação às demandas. Assim, fica evidenciado que cada professora tem a sua forma de alfabetizar, e que cada uma utiliza o método que garante mais sucesso com a aprendizagem em sala de aula. Os “erros” e “acertos” acabam auxiliando na formação das professoras, de modo que suas experiências se somam aos conhecimentos científicos, proporcionando o aprimoramento da prática.

As Tendências Pedagógicas, a disciplina e o dever de casa na prática das professoras

A tendência pedagógica que cada professor utiliza afeta a maneira pela qual ele ensina. Sendo assim, deve-se levar em consideração a tendência pedagógica que está sendo priorizada pelos professores em sala de aula: a disposição das carteiras na sala de aula, as escolhas metodológicas, a forma de avaliação, a didática, ou seja, “[...] a técnica de ensino em todos os seus aspectos práticos e operacionais” (PILETTI, 1989, p. 43) se relacionam com os pressupostos teóricos de certa tendência pedagógica. Dessa forma,

o material utilizado e a relação professor/aluno são influenciados pelos pressupostos teóricos da tendência pedagógica que o professor utiliza.

Todas as professoras entrevistadas se declararam praticantes da Tendência Pedagógica Progressiva Libertadora, mas ficou evidenciado, mediante a observação nas salas de aula e nos pressupostos teóricos, que nenhum professor pertence a uma única tendência pedagógica. Em relação a isso, Mesquita, Santana e Oliveira (2016, p. 3) afirmam que

Ainda possuímos traços da forma de educação tradicional presentes nos dias de hoje, desde a organização das salas de aula, até atos que são considerados como indisciplina no ambiente escolar, como, por exemplo, levantar-se, ir ao banheiro ou beber água sem pedir a permissão do professor presente em sala.

Por mais que as professoras se declarem pertencentes a uma única tendência pedagógica, ainda possuem hábitos da Pedagogia Liberal. Libâneo (1992, p. 2), nesse sentido, afirma que “[...] a educação brasileira, pelo menos nos últimos cinquenta anos, tem sido marcada pelas tendências liberais, nas suas formas ora conservadoras, ora renovadas”. Dessa forma, seguidamente as alfabetizadoras mesclam as tendências, mas se julgam pertencentes à tendência empregada por Paulo Freire, por se apropriarem de alguma forma da alfabetização da Pedagogia Progressista Libertadora. Nessa direção, como afirma Libâneo (2002, p. 4),

Os professores que se julgam mais atualizados (vamos chamá-los de progressistas) variam bastante os métodos de ensino. Preocupam-se com as diferenças individuais e sociais dos alunos, costumam fazer trabalhos em grupo ou estudos dirigidos, tentam usar mais diálogo no relacionamento com as crianças, são mais amorosos. Essa forma de trabalho didático é, sem dúvida, bem mais acertada do que a tradicional.

A dinâmica das atividades e das aulas auxilia no desenvolvimento e na aprendizagem dos alunos, contribuindo para que não se entediam e queiram estar na sala de aula, pois se sabe que os alunos gostam de atividades diferenciadas e que cada um possui um modo de aprender aquilo que é ensinado, ou seja, tem seu próprio tempo para aprender.

Quando se pensa em sala de aula, é impossível não pensar também em disciplina, por isso, é crucial questionar: O que é disciplina? Segundo Silveira Bueno (2007, p. 260), trata-se de “[...] ordem; respeito; obediência às leis [...]”. Desse modo, tem-se que a disciplina é ordem e que representa a autoridade do professor, fazendo parte do aprendizado na sala de aula, pelo fato de que influencia na forma como a professora dá a sua aula, sendo necessária para um bom aprendizado. É por meio dela, ainda, que o professor exerce a sua autoridade, sendo que tal autoridade repercutirá junto aos alunos.

O problema da (in)disciplina está presente também nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, como deixa claro Vasconcellos (1995, p. 21): “[...] nas séries iniciais o problema parece menor, mais isto pode ser, de fato, só aparência”. Nas análises, foi possível perceber que muitas professoras reclamaram da indisciplina no ambiente

escolar. Elas afirmaram que, mesmo lecionando para crianças, é necessário parar a aula várias vezes para poder trabalhar integralmente o conteúdo proposto do dia.

Em relação à manutenção da disciplina em sala de aula, as professoras analisam da seguinte maneira: a professora Fátima destaca: “[...] a disciplina é necessária. Falo de disciplina como uma forma de concentração no que está fazendo e não de controle e colonização. Eu exerço a minha autoridade dialogando e combinando com todos”. É muito clara a questão da disciplina na fala dessa professora, pois a docente reconhece que a disciplina é fundamental e que, para um bom desenvolvimento das atividades, a autoridade dela, como professora, deve ser essencial. No que tange a essa discussão, Santos (2016, p. 7) afirma que “[...] uma das formas de prevenir a indisciplina é o exercício da autoridade do professor junto aos alunos. Essa autoridade passa longe do autoritarismo”. O professor, ao estabelecer combinados com a turma, consegue exercer sua autoridade junto aos alunos. Com relação a essa questão, a professora Betânia salientou ser necessária a disciplina, considerando-a

[...] de suma importância, mas é preciso entendê-los como crianças e estabelecer combinados em sala de aula, entendendo também os diversos momentos e situações do cotidiano escolar. Eu penso que a autoridade é baseada plenamente no respeito e na admiração. Se seu aluno te admira certamente ele te respeitará.

Para a professora, a disciplina é importante, porém, ela compreende que seus alunos são crianças e estão aprendendo a reconhecer esse novo formato e a nova configuração de aula. Isso se justifica porque, como afirma Vasconcellos (1995, p. 38), “[...] geralmente, disciplina é entendida como a adequação do comportamento do aluno àquilo que o professor deseja”. Fica evidente que a disciplina é algo essencial para o funcionamento harmonioso da escola. A professora Betânia evidencia, ainda, que a disciplina faz parte do cotidiano escolar, não somente na sala de aula, mas na escola de uma forma geral. A professora Gilda também corrobora com essa perspectiva quando afirma que,

[...] a disciplina é muito necessária, mas a indisciplina é uma consequência e não uma causa do mau planejamento dentro da escola. É importante, ao falarmos de disciplina, que discutamos uma escola autônoma para construir seu caminho. Os alunos são diversos e a compreensão de disciplina deve ser também. Sou bastante rígida na questão de exercer a minha autoridade como professora. Às vezes sou mal interpretada por alguns pais, responsáveis, que não fazem o seu papel e não querem que eu faça o meu. As regras são estabelecidas de maneira clara e firme. Nossas crianças estão “pedindo limites”.

A professora destaca que essa (in)disciplina não é somente devido à má gestão escolar ou do professor dentro da sala de aula, enfatizando que exerce com firmeza a sua autoridade dentro do ambiente escolar e que, por assumir tal comportamento, às vezes é interpretada de forma errada. Fica muito nítido, portanto, que a disciplina é algo que vai demandar muitas discussões, porque ela está ligada a uma série de questões que perpassam e ultrapassam o ambiente escolar.

Todas as professoras são categóricas em afirmar que a disciplina é algo essencial para o aprendizado e a transmissão do conteúdo proposto no planejamento. Sem essa regra de comportamento, não é possível o funcionamento do cotidiano escolar. Logo, a disciplina faz parte da prática dessas professoras e do conteúdo para um bom

aprendizado. Fica evidenciado, então, que “[...] a disciplina não visa o impedimento do crescimento intelectual do aluno, mas sim fornece condições para que ele se desenvolva nas atividades acadêmicas” (BOCCHI, 2007, p. 13).

Compreendeu-se, portanto, que a (in)disciplina é um problema que os professores vêm enfrentando em todos os níveis da Educação Básica, e que “[...] o professor anda confuso com tudo aquilo que vem acontecendo com ele, com a escola e com a sociedade. Há uma profunda mudança na relação Escola-Sociedade [...]” (VASCONCELLOS, 1995, p. 22). Logo, a escola necessita fazer essas mudanças para, também, se adequar à nova sociedade e aos sujeitos que a compõe. Vários são os estudos e pesquisas sobre o assunto, mas o que se percebe é que um ambiente escolar adequado é aquele em que o professor é capaz de dialogar com o aluno, ministrar o seu conteúdo e ter a sua autoridade respeitada no ambiente escolar.

Outro fato que é também muito discutido no cotidiano da escola diz respeito ao “dever de casa”. Frente a isso, questiona-se: Ele é importante ou não? É uma prática pedagógica que auxilia na alfabetização e no letramento? Todas essas questões estão em constante discussão pelos educadores, e, de acordo com as professoras pesquisadas, essa prática faz, sim, parte do cotidiano escolar, e é muito válida e usada no processo de alfabetização. A professora Betânia afirma que “[...] 90% da turma realiza a atividade de casa, com a participação dos pais, essa prática auxilia na alfabetização”. Disse, ainda, que os pais cobram quando ela não envia atividade para casa. Assim, é possível perceber que as famílias ainda privilegiam essa prática pedagógica e que se empenham para que os filhos consigam fazer o dever de casa.

Já a professora Fátima expõe que fica “[...] um pouco com o pé atrás com o dever de casa. Eu entendo que a escola é um lugar de aprender. Eu normalmente ponho leitura, uma atividade bem simples do que eu ensinei na sala de aula para casa. Normalmente mando coisas bem simples”. A resposta da professora mostra que, para ela, essa tarefa não tem a necessidade de ser extensa nem difícil, pois significa um reforço do que a criança aprende na escola.

A ideia da continuidade do aprendizado em sala de aula está também presente na fala da professora Gilda, quando garante que “[...] a tarefa de casa tem o papel de continuidade, é uma estratégia de melhorar a aprendizagem dos conteúdos”. Logo, a docente reforça a ideia de que essa prática pedagógica é mais um reforço na aprendizagem das crianças no processo de alfabetização.

Trata-se, como foi evidenciado pelas professoras, de uma continuidade das tarefas dadas em sala. Além disso, servem para ajudar os pais a observarem como está o desenvolvimento escolar de seus filhos. Nesse viés, Costa (2012, p. 1) profere que, “[...] por envolver escola e família, o dever de casa se apresenta como um mediador importante nas relações que se estabelecem entre essas duas instituições”. Sendo assim, essa prática também ajuda na relação família/escola.

As professoras veem no dever de casa uma forma muito significativa de alfabetização e aprendizagem, pela possibilidade de trabalharem a fixação da matéria aprendida em sala. Quando as crianças ainda são pequenas, dependem muito do auxílio dos pais para a execução da mesma, favorecendo, assim, uma integração entre a família e a escola, importante para uma boa alfabetização e letramento.

Na pesquisa, percebemos, ainda, que as professoras possuem uma rotina a ser seguida em sala de aula, de acordo com o ano em que atuam. Cada tarefa tem um significado, desde a escrita do cabeçalho do dia, onde consta a data, o nome da escola e dos alunos, ao calendário com os dias da semana; ou o pedido para que contem a quantidade de alunos presentes e observem se alguém faltou, ou se há mais meninos ou meninas. Observa-se que todos esses elementos, mesmo simples, são de grande importância para a aquisição de vários requisitos da alfabetização, tais como a alfabetização científica, a geográfica, a matemática, dentre outros.

Percebemos, no entanto, que alfabetizar e letrar não são tarefas fáceis, que toda ajuda é bem-vinda e que é importantíssima a participação da família nesse processo. Igualmente, que a prática do dever de casa é uma das estratégias usada pelas professoras alfabetizadoras para que haja a aproximação das famílias com a vida escolar de seus filhos.

Os saberes-fazeres docentes e a resignificação da prática pedagógica

Mediante as narrativas e as observações nas salas de aula das professoras alfabetizadoras, vimos que cada uma possui um modo próprio para alfabetizar e letrar as crianças, e que as docentes atribuem um sentido próprio à maneira de ensinar.

Observou-se, também, que cada professora possui uma forma ou critério para avaliar e determinar se os seus alunos estão sendo alfabetizados ou se já estão alfabetizados. A avaliação é realizada de acordo com o que a professora está considerando mais significativo no processo de alfabetização. Dessa forma, a professora Betânia considera alfabetizado “[...] os alunos que decodificam, atribuem significado a palavra e a utilizam adequadamente em todos os contextos”. Para ela, o uso das palavras certas em seus significados, em vários momentos, e a decodificação das palavras feitas pelo aluno já o torna uma criança alfabetizada.

A professora Gilda afirma que esse reconhecimento se dá quando “[...] percebo que eles estão mais independentes, mais seguros, pedindo para ir ao quadro ler, ou mesmo no seu caderno, e quando isso acontece eles ficam mais felizes, e é muito satisfatório”. Ela reconhece que, quando essas crianças rompem a barreira das dificuldades e do medo, são capazes de executar várias atividades com alegria, sendo que, nesse momento, está acontecendo a aprendizagem da escrita e da leitura.

No que tange a essa questão, a professora Fátima ressalta: “[...] pois é (...) isso aí é complicado! Aí a gente esbarra em uma coisa interessante. Se eu tenho três anos para a alfabetização, se existe alfabetização na idade certa, existe alfabetização na idade errada. Então, quando é certo e quando é errado? [...]”. Fátima evidencia que considera a alfabetização um processo no qual cada criança terá o seu tempo de aprender, deixando claro que ela respeita esse tempo de aprendizado.

Percebe-se, assim, que cada professora tem uma forma de avaliar se seus alunos são alfabetizados ou não; porém, é preciso ir além da decodificação, pois, de acordo com Soares (2002, p. 21), é necessário pensar que da “[...] verificação de apenas a habilidade de codificar o próprio nome passou-se à verificação da capacidade de usar a leitura e a escrita para uma prática social”. Sendo assim, a aquisição da leitura e da

escrita passa a ser algo bem mais amplo que decodificar, todavia, o significado de ser ou não alfabetizado é atribuído pelas professoras de acordo com suas experiências e compreensão do processo de alfabetização.

Destarte, é importante observar como as professoras veem o papel da escola no processo da alfabetização dos alunos, ou seja, na construção desse aprendizado, levando em consideração que uma educação de qualidade deve ser sempre o princípio do ensino. Nesse contexto, segundo Libâneo, a educação “[...] é aquela em que a escola promove para todos os domínios de conhecimento e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas necessárias ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos” (2001, p. 19). Logo, a educação de qualidade é a peça fundamental para um ensino eficaz, que desperte nas crianças o senso crítico em relação ao seu papel na sociedade. Isso é algo que deve ser construído já nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. De acordo com a professora Betânia, “[...] é de suma importância que a escola ofereça as condições necessárias para que a alfabetização aconteça, bem como um apoio pedagógico necessário advindo desse contexto”. Para ela, a escola funciona como um apoio ao professor no contexto escolar. Já a professora Gilda afirma que “[...] a escola tenta ajudar com sugestões de atividades, com professores de apoio, com livros adequados (...)”. Essa professora vê, portanto, que a escola tenta contribuir da melhor forma possível no processo de alfabetização. Ainda sobre o assunto, a professora Fátima profere que

[...] a escola é uma instituição tão importante! Eu penso que a escola ocupa o papel central na vida das pessoas. E isso tem me machucado muito. Porque eu vejo que a escola não está preocupada com o sujeito. A escola está preocupada em atender o mercado de trabalho. Eu acho muito triste. Não que não possa, mas não pode ser só isso. A criança que sabe ler e escrever, claro que ela será valorizada pela escola. A criança que não dá conta da leitura e da escrita, se não souber matemática, ela está eliminada. Os alunos que dominam Arte, não tem valor nenhum. Os alunos que têm um bom desempenho em Educação Física também não. Então, eu acho que a escola tem que pensar num todo.

Em sua fala, a professora deixa bem claro que a escola, às vezes, esquece o seu real papel de educar, e passa a produzir mercadorias. Dessa forma, corroboramos com Wenzel (1994, p. 29), quando este afirma que, pelas “[...] circunstâncias (históricas e conjunturais) [...] o processo pedagógico se coloca como necessário pela própria materialidade definida pela estrutura capitalista”. Assim, a escola e a educação passam a ser vistas como um negócio, que devem produzir, cada vez mais, mão de obra para o mercado. Sobre isso, é importante problematizar que “[...] a escola não é uma empresa, o aluno não é um cliente e nem um consumidor” (LIBÂNEO, 2001, p. 19). Nesse sentido, é importante ratificar que as crianças necessitam de uma escola que traga um sentido e uma contribuição para suas vidas, formando sujeitos críticos e pensantes, ou seja, cidadãos que se preocuparão com o futuro, e não apenas mercadorias ou produtos a serem consumidos pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, enfatizamos a importância de pesquisar sobre a alfabetização por meio das narrativas das professoras do Ciclo Inicial de Alfabetização, observando as experiências docentes no ambiente alfabetizador no qual elas atuam.

Percebeu-se, então, que esse ambiente contribui muito no processo de aquisição da leitura e da escrita dos alunos, porém, ao mesmo tempo, observou-se que ele é apenas uma parte de uma série de práticas, estratégias e metodologias pedagógicas que influenciam o processo de alfabetização. Durante as observações nas salas de aula, foi possível compreender que um ambiente alfabetizador deve ser didaticamente pensado para o aprendizado das crianças, seja por meio dos elementos que o constitui ou mediante atividades alfabetizadoras apresentadas no cotidiano da sala de aula.

É importante deixar claro que o professor, assim como o ambiente, é fundamental para o sucesso da aprendizagem dos alunos. Além disso, um professor atento, dedicado e que goste de alfabetizar fará a diferença no processo de ensino-aprendizagem.

Considera-se, também, que além desse ambiente alfabetizador, outros fatores farão a diferença na prática pedagógica de cada professora, por exemplo, a influência da tendência pedagógica com a qual esse profissional mais se identifica, pois ela determina o modo de distribuir os conteúdos didáticos; o(s) método(s) de ensino aplicado(s); a organização da sala de aula; a forma de avaliar, entre outros aspectos. Mesmo as professoras se declarando pertencentes à Tendência Pedagógica Progressista, foi possível perceber que todas são influenciadas pela Tendência Pedagógica Tradicional, como pode ser visto pelo posicionamento das carteiras em fila nas salas de aula, a postura da professora frente aos alunos, a forma de cobrar a disciplina – o comportamento, o método de alfabetização –, entre outros elementos observados na pesquisa de campo que retratam o modelo tradicional.

Observou-se, igualmente, a riqueza de saberes e práticas no Ciclo Inicial de Alfabetização: cada professora utiliza um método para alfabetizar seus alunos – fônico, silábico ou a mistura deles. Além disso, as experiências dos discentes também darão significado a essa alfabetização, porque se sabe que cada criança é única e que tem o seu tempo de aprendizado. Essas professoras, com suas narrativas, deixaram evidenciado que devemos respeitar o tempo de cada criança e compreender que cada uma possui uma forma e um tempo para aprender; ainda, que é preciso valorizar a cultura que cada uma carrega do mundo social em que está inserida.

A relação família e escola também foi considerada pelas alfabetizadoras como muito importante no contexto da alfabetização. Uma das estratégias utilizadas pelas professoras alfabetizadoras para aproximar a família da escola foi a utilização do dever de casa, pois, assim, os pais e/ou responsáveis podem acompanhar o processo de aprendizagem de seus filhos. As professoras, por meio do dever de casa, buscam trazer a família para a participação desse processo. Além disso, a escola tem um papel muito importante em propiciar, como um todo, uma educação de qualidade e de estreitar os laços entre professor/aluno, aluno/professor, pais e a comunidade. Logo, há o reconhecimento da importante função que a escola exerce nessa relação.

Outro fator considerado na pesquisa foi a questão da disciplina nas salas de aula e, nesse caso, é importante salientar que a (in)disciplina é algo que atinge todas as escolas, em todas as esferas da educação. Concluiu-se, então, que, para as professoras pesquisadas, o controle da disciplina em sala de aula é realizado mediante combinados, acordos feitos entre as professoras e os alunos no início e durante o ano letivo.

Em suma, é crucial salientar que essas professoras, com as suas vivências, têm contribuído muito com o aprendizado desses alunos. Além disso, a ação que exercem é primordial na educação deles, deixando marcas significativas no processo de ensino-aprendizagem, que é a alfabetização. Elas acreditam, ainda, que alfabetizar vai além da sala de aula, e que levar o aluno a pensar, ter senso crítico, a levantar hipóteses e a problematizar é um papel que deve ser desempenhado por elas como professoras alfabetizadoras.

Para concluir este trabalho, fica o questionamento: Quem aqui, nesse momento, não se lembra de um professor alfabetizador? Sim, eles deixam marcas significativas em nossas vidas!

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; MORAIS, Artur Gomes de; FERREIRA, Andrea Tereza Brito. As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras? *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 38, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n38/05.pdf>. Acesso em: 7 maio 2019.
- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (org.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 15-38.
- BOCCHI, Ketney Cristine Bonfogo. *Indisciplina em sala de aula: posicionamento dos professores e avaliação de uma proposta de formação*. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16326>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- BORDIGNON, Lorita Helena Campanholo; PAIM, Marilane Maria Wolff. Alfabetização no Brasil: um pouco de história. *Revista Educação em Debate*, Fortaleza, ano 39, n. 74, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://www.periodicosfaced.ufc.br/index.php/educacaoemdebate/article/download/372/230>. Acesso em: 4 maio 2019.
- BUENO, Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2007.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COSTA, Fernanda Bevilaqua. Os deveres de casa: uma análise das estratégias educativas familiares. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COTIDIANO DIÁLOGOS SOBRE DIÁLOGOS, 4., 2012, Niterói. *Anais [...]*. Niterói, 2012.
- EDITORA DO BRASIL. Portal de educação Infantil. *Letramento e alfabetização na educação infantil*. Disponível em: http://www.editoradobrasil.com.br/educacaoinfantil/letramento_e_alfabetizacao/educacao_infantil.aspx. Acesso em: 3 mar. 2020.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Trad. Diana Myriam Lichtenstein; Liana Di Marco; Mario Corso. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FRANCO, Elisângela de Carvalho. Tendências e implicações no processo de alfabetização. *Rev. Eletrônica Pesquiseduca*, Santos, v. 7, n. 14, p. 542-555, jul.-dez. 2015. Disponível em: <http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/download/502/pdf>. Acesso em: 18 fev. 2020.
- FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. *Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 72 p. (Coleção Alfabetização e Letramento). Disponível em: http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2008%20Metodos_didaticas_alfabetizacao.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. *Educar*, Curitiba, n. 17, p. 153-176, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da Escola Pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo: Loyola, 1992. Cap. 1. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/cntent/ABAAAehikAH/Libanio>. Acesso em: 15 abr. 2019.

MESQUITA, Larissa Bárbara da Silva; SANTANA, Michele Caroline Mesquita de; OLIVEIRA, Abigail do Carmo Levino de. A indisciplina nos anos iniciais do ensino fundamental. *Periódico Científico Outras Palavras*, v. 12, n. 2, p. 140, 2016. Disponível em: <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao5/article/download/724/610>. Acesso em: 7 ago. 2019.

PICCOLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. *Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade*. 1. ed. 2. Reimp. Erechim; Edelbra, 2012.

PILETTI, Claudino. *Didática geral*. 10. ed. São Paulo: Ática S.A, 1989.

SANTOS, Humberto Corrêa dos. A indisciplina na escola: causas, prevenções e enfrentamento. *Estação Científica*, Juiz de Fora, n. 15, jan.-jun. 2016. Disponível em: <http://portal.estacio.br/media/6078/3-a-indisciplina-na-escola-causas-preven%C3%A7%C3%B5es-e-enfrentamento.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2020.

SOARES, Magda. *Letramento: Um tema em três gêneros*. 2. ed. 5. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 128p.

TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo a escrever*. Perspectivas psicológicas e implicações educacionais. São Paulo: Ática S.A., 1994.

TEBEROSKY, Ana. *Leitura e escrita nas escolas*. Edição 187, nov./2005. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/251/ana-teberosky-debater-e-opinar-estimulam-a-leitura-e-a-escrita>. Acesso em: 22 jan. 2020.

VASCONCELOS, Celso dos S. *Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. 4. ed. São Paulo: Libertad, 1995. (Cadernos pedagógicos do Libertad, v. 4 – Disciplina escolar I. Título. II Série).

WENZEI, Renato Luiz. *Professor: agente da educação*. Campinas, SP: Papyrus, 1994. (Coleção Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico).

Todo conteúdo da Revista Contexto & Educação está
sob Licença Creative Commons CC – By 4.0